

Crenças sobre os medicamentos genéricos: diferenças entre médicos e profissionais de farmácia

MARIA JOÃO FIGUEIRAS
DÁLIA MARCELINO
MARIA ARMANDA CORTES

Objectivo: Este estudo pretende investigar diferenças e/ou semelhanças entre as crenças dos médicos e dos profissionais de farmácia face aos medicamentos genéricos.

Método: A amostra foi constituída por 272 indivíduos de ambos os sexos, recrutados em diversos pontos do país: 94 médicos de diferentes especialidades médicas, e 178 profissionais de farmácia (farmacêuticos, técnicos e ajudantes de farmácia). Os participantes preencheram um questionário *on-line* que incluiu medidas sobre crenças face os medicamentos genéricos e variáveis sócio-demográficas.

Resultados: Os resultados indicam que os profissionais de farmácia demonstram estar melhor informados e têm opiniões mais positivas e favoráveis acerca dos medicamentos genéricos, que os médicos. Contudo, tanto os médicos como os profissionais de farmácia se encontram divididos quanto à prescrição ou dispensa de um medicamento genérico. Os dados revelam que existem diferenças entre as duas classes

de profissionais de saúde nas razões para a escolha de um medicamento. Os profissionais de farmácia em comparação com os médicos, apontam mais a idade do cliente e a familiaridade com o mesmo, como razões para a dispensa de um medicamento de marca; e a sintomatologia apresentada, o tipo de tratamento, e a idade do cliente como razões para a dispensa de um medicamento genérico.

Conclusão: Estes resultados exploratórios levantam questões sobre a possibilidade das crenças e atitudes dos profissionais de saúde poderem ter influência nas decisões e escolhas dos consumidores.

Palavras-chave: médicos; profissionais de farmácia; medicamentos genéricos; crenças sobre a medicação.

1. Introdução

Os medicamentos genéricos encontram-se no mercado há mais de dez anos, em países como Dinamarca, Holanda e Alemanha. Em Portugal, só começaram a ser prescritos com maior frequência a partir de 2004, pelo que o público em geral ainda está pouco familiarizado com o seu consumo (APOGEN, 2007). No entanto, segundo o INFARMED (2007, organismo responsável por garantir a bioequivalência, a segurança e a qualidade dos medicamentos genéricos) o uso destes fármacos só em Junho de 2007 atingiu uma quota de mercado de 17,65%. Recentemente, tem-se assistido a um aumento progressivo da divulgação destes medicamentos, com o objectivo de aumentar o nível de conhecimento sobre

Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ref.: POCI/PSI/60745/2004) e pelo Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), participado pelo fundo comunitário europeu FEDER.



Maria João Figueiras é professora auxiliar, investigadora, Unidade de Investigação em Psicologia da Saúde. Instituto Piaget.
Dália Marcelino é assistente de investigação, psicóloga, Unidade de Investigação em Psicologia da Saúde. Instituto Piaget.
Maria Armanda Cortes é bolsista de investigação, psicóloga, Unidade de Investigação em Psicologia da Saúde. Instituto Piaget.

Submetido à apreciação: 22 de Novembro de 2007

Aceite para publicação: 17 de Abril de 2008

os mesmos, em todos os intervenientes no processo de prescrição, dispensa e utilização de medicamentos (Portugal. INFARMED, 2007).

A substituição dos medicamentos de marca por medicamentos genéricos tem sido mundialmente fomentada pelas políticas de saúde, tornando-se uma opção mais barata para os consumidores (Gaither *et al.*, 2001). Segundo Kersnik e Peklar (2006) a grande maioria dos médicos de família tem consciência que o custo actual dos medicamentos constitui um problema sério para o orçamento dos cuidados de saúde. Este aspecto tem implicações no sector da saúde, no sentido em que a substituição de medicamentos de marca por medicamentos genéricos permite a redução dos custos do sistema de saúde, permitindo também aos doentes o acesso a alternativas terapêuticas menos dispendiosas (Andersson, Jorgensen e Carlsten, 2006). No entanto, apesar da relevância do aspecto económico na escolha e compra de um medicamento, o crescimento do consumo destes medicamentos em Portugal pode também traduzir um aumento da aceitação destes fármacos, por leigos ou por profissionais de saúde.

Durante as últimas quatro décadas, o Modelo de Crenças de Saúde tem sido descrito como um dos modelos psicológicos mais utilizado para tentar explicar e predir os comportamentos de saúde dos indivíduos, através da concentração nas suas atitudes e crenças (Strecher e Rosenstock, 1997). Actualmente, as crenças de saúde aplicam-se às respostas e comportamentos gerais face aos sintomas e à doença diagnosticada, e em particular à adesão aos regimes terapêuticos. Segundo Horne e Weinman (1999), as ideias e as crenças pessoais sobre os medicamentos agrupam-se em duas categorias: a necessidade específica sobre um medicamento e a preocupação com os possíveis efeitos secundários. Mas este tipo de crenças pode ser ou não comum entre os consumidores e os profissionais de saúde. Segundo a literatura, mesmo no seio da classe médica existem várias atitudes acerca da prescrição dos medicamentos genéricos (Hassali, Kong e Stewart, 2006). Estas diferenças de atitudes dos médicos poderão estar relacionadas com alguns factores, tais como a tradição dos comportamentos prescritivos e com as suas crenças acerca de experiências anteriores de substituição de medicamentos de marca para medicamentos genéricos nos utentes (Banahan e Kolassa, 1997). Actualmente, ainda se verifica que muitos dos médicos apresentam atitudes e crenças negativas em relação à substituição dos medicamentos de marca por medicamentos genéricos (Andersson, Jorgensen e Carlsten, 2006).

A escolha e a decisão de prescrever os medicamentos é sempre da responsabilidade dos médicos, no

entanto os doentes poderão informar-se junto do seu médico se existe um medicamento genérico para o seu tratamento e pedir-lhe que o prescreva (APOGEN, 2007). Mas a persistência de ideias erróneas acerca da segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos genéricos tem sido muitas vezes apontada pelos médicos como a maior barreira à sua prescrição (Hassali, Kong e Stewart, 2006). Segundo Andersson, Jorgensen e Carlsten (2006), a maioria dos médicos estimam prescrever medicamentos genéricos a mais de 50% dos utentes que atendem. De acordo com Simmenroth *et al.* (2006), dois terços dos médicos do seu estudo ($n = 195$) acreditam que os medicamentos de marca e os genéricos são farmacologicamente equivalentes, no entanto cerca de 8% refere que os medicamentos genéricos são menos eficazes e 10% refere que foram observados efeitos adversos após a substituição. Neste sentido, as atitudes e crenças que os médicos têm acerca dos medicamentos genéricos poderão ter impacto no acto da prescrição e na relação que estabelecem com o utente, reflectindo-se na consequente adesão (ou não) à medicação. Segundo um relatório do Centro de Estudos de Fármaco-Epidemiologia da Associação Nacional de Farmácias (Araújo, 2006), e de acordo com as regras actuais, os médicos devem prescrever por princípio activo. No entanto, no caso de prescreverem pela marca, podem ou não autorizar a sua substituição na farmácia por um genérico. A percentagem de médicos que autorizam esta troca é aproximadamente 48%. No entanto a confiança nos medicamentos genéricos muda de acordo com a proveniência dos clínicos. Segundo a mesma fonte (Araújo, 2006), quase metade dos médicos de família (47,6%) não autorizam que o medicamento de marca receitado por eles seja alterado para um genérico.

Esta temática levanta também importantes questões relacionadas com a percepção que os farmacêuticos têm sobre as características deste tipo de fármacos, essencialmente no que se refere à equivalência com os medicamentos de marca, e com possível influência nas decisões do consumidor (Jorgensen, Andersson e Mardby, 2005). Segundo Gaither *et al.* (2001), os profissionais de farmácia têm crenças mais positivas que os médicos face aos medicamentos genéricos. Um estudo recente investigou as crenças acerca dos medicamentos em geral numa comunidade Sueca de profissionais de farmácia, e comparou-as de acordo com as diferentes categorias profissionais: farmacêuticos, técnicos de farmácia e ajudantes de farmácia (Jorgensen, Andersson e Mardby, 2006). Os resultados indicaram que os técnicos e ajudantes de farmácia têm uma opinião menos favorável acerca dos medicamentos, compa-

rativamente com os farmacêuticos. Assim, e numa época em que os consumidores cada vez mais são incentivados a ter uma postura mais activa na decisão sobre seus tratamentos, os médicos e os profissionais de farmácia assumem um papel fundamental na divulgação da informação relacionada com os medicamentos. No entanto, é necessário ter em atenção quando existem divergências nas crenças entre os diferentes profissionais de saúde, no sentido em que podem influenciar o momento da prescrição ou dispensa de medicamentos.

O facto da introdução dos medicamentos genéricos no mercado português ser relativamente recente, e de não termos conhecimento de nenhum estudo publicado sobre esta temática em Portugal, cria uma oportunidade de avaliar o tipo de crenças que os profissionais de saúde têm sobre estes medicamentos. Neste sentido, o objectivo do presente estudo é investigar e comparar as crenças dos médicos e profissionais de farmácia face aos medicamentos genéricos.

2. Método

2.1. Desenho e participantes

Trata-se de um estudo transversal e de carácter exploratório. Este estudo incluiu uma amostra de médicos de diferentes especialidades e uma amostra de profissionais de farmácia, nomeadamente farmacêuticos, técnicos e ajudantes de farmácia. No total foram recrutados em diversos pontos do país 272 indivíduos. A participação foi anónima e voluntária.

2.2. Procedimento

Os participantes preencheram um questionário anónimo via *on-line*, que esteve disponível 16 meses, entre Maio de 2006 e Setembro de 2007. Previamente, foram contactados centros de saúde e farmácias a nível nacional, no sentido de informar sobre os objectivos do presente estudo e solicitar a divulgação junto dos seus funcionários (médicos e farmacêuticos) do *link* da página e *password* de acesso ao questionário *on-line* para cada um dos grupos profissionais.

2.3. Medidas

Os participantes preencheram um inquérito constituído por questões de caracterização sócio-demográfica, questões relativas à informação e opinião acerca

dos medicamentos genéricos, e à prescrição ou dispensa de um medicamento de marca ou genérico.

Informação acerca dos medicamentos genéricos: Foi desenvolvida uma medida com o objectivo de investigar como se consideram informados os médicos e profissionais de farmácia em relação aos medicamentos genéricos. Os itens avaliados incidiram sobre os genéricos disponíveis no mercado, quem são os fabricantes, o controlo de qualidade da fabricação, testes de qualidade, e lançamentos de novos medicamentos no mercado. As respostas foram medidas numa escala de 5 pontos (1 = nada informado, 2 = pouco informado, 3 = razoavelmente informado, 4 = bem informado, 5 = muito bem informado). A um valor médio mais alto corresponde um melhor nível de informação.

Opinião acerca dos medicamentos genéricos: Para avaliar as opiniões dos profissionais acerca dos medicamentos genéricos foi desenvolvida uma medida constituída por 5 afirmações relativas (1) à bioequivalência dos medicamentos, (2) à falha pela substituição do medicamento, (3) à familiaridade com os medicamentos genéricos, (4) ao nível de confiança nos medicamentos genéricos, e (5) à substituição de medicamentos de marca por genéricos (*Anexo 1*). As respostas foram medidas numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = discordo totalmente, 2 = discordo, 3 = não concordo nem discordo, 4 = concordo, 5 = concordo plenamente). Os itens 2, 4 e 5 foram invertidos no sentido de fazer corresponder uma atitude mais favorável a um valor mais elevado.

Escolha de prescrição ou dispensa: Os participantes foram questionados acerca da sua opção para prescrever/dispensar entre um medicamento de marca e um genérico (quando possível), numa escala de resposta dicotómica: Marca ou Genérico. Nos profissionais de farmácia, esta questão foi colocada no caso da venda livre de medicamentos (OTC).

Razões para a prescrição ou dispensa de um medicamento de marca/genérico: Os participantes foram inquiridos sobre as razões em que se baseavam para a prescrição/dispensa do medicamento referido anteriormente. As razões apresentadas foram as seguintes: na sintomatologia apresentada, no tipo de tratamento, na duração do tratamento, no custo, na idade do cliente, no género do cliente (masculino ou feminino), no nível de escolaridade do cliente, e na familiaridade com o cliente. As respostas foram medidas numa escala de *Likert* de 5 pontos, variando entre *nunca* (1) e *sempre* (5).

2.4. Análise estatística

Foram descritas as análises de frequências e realizadas comparações de médias através do teste *t* de *student* para amostras independentes. Devido às características do estudo e de procedimento de recolha de dados, apenas foi possível calcular o poder estatístico *a posteriori*. Para o efeito foi utilizado o *software* Gpower (Faul *et al.* 2007). Para o tipo de análise efectuada foi obtido um poder estatístico de 97% para um *effect size* médio.

3. Resultados

3.1. Características da amostra

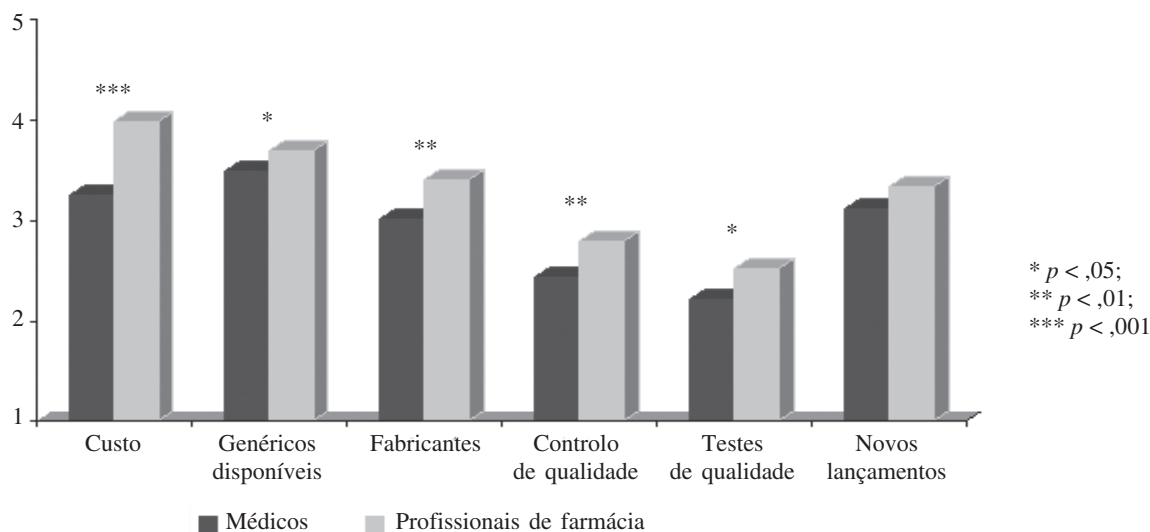
Acederam ao questionário *on-line* um total de 941 profissionais: 434 médicos e 507 profissionais de farmácia, no entanto apenas participaram no estudo 28,9%, ou seja um total de 272 profissionais de saúde. A amostra de médicos é constituída por 94 indivíduos de ambos os sexos (59% homens), de diferentes especialidades médicas (84% de medicina geral e familiar), e com idades compreendidas entre os 25 e os 65 anos (média = 49 anos; *dp* = 6,9). Relativamente à distribuição geográfica, 47% dos médicos são da região Norte, 22% do Centro, 17% de Lisboa e Vale do Tejo, 13%

do Alentejo e 1% do Algarve. A amostra dos profissionais de farmácia (*n* = 178) é composta por 151 farmacêuticos (84,8%), 16 técnicos de farmácia (9%) e 11 ajudantes de farmácia (6,2%), de ambos os sexos (62% mulheres) e com idades compreendidas entre os 22 e os 80 anos (média = 36 anos; *dp* = 10,5). Os profissionais de farmácia distribuíram-se geograficamente da seguinte forma: 29% do Norte, 25% do Centro, 35% da região de Lisboa e Vale do Tejo, 5% do Alentejo e 6% do Algarve.

3.2. Informação acerca dos medicamentos genéricos

Verificam-se diferenças significativas entre os dois grupos de profissionais (médicos e profissionais de farmácia) no nível de informação que consideram ter acerca dos medicamentos genéricos. Os profissionais de farmácia referem estar melhor informados acerca dos medicamentos genéricos que os médicos, nomeadamente no que se relaciona com o custo dos mesmos, com os medicamentos genéricos disponíveis no mercado, com os fabricantes dos medicamentos, com o controlo de qualidade e com os testes de qualidade realizados. Relativamente a novos lançamentos de produtos não existem diferenças significativas entre as duas classes de profissionais (*Figura 1*).

Figura 1
Informação acerca dos medicamentos genéricos



3.3. Opinião acerca dos medicamentos genéricos

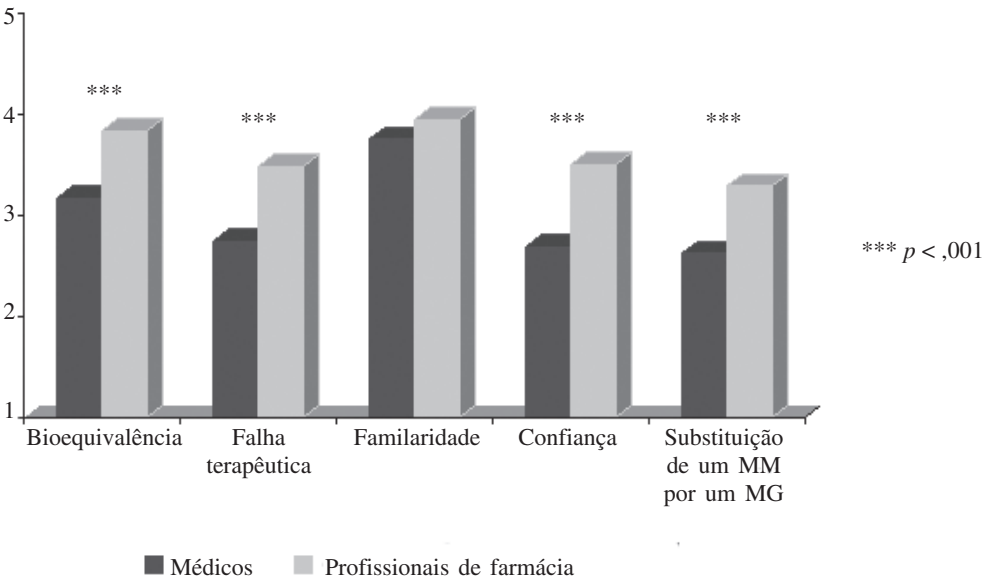
Os resultados indicam que existem diferenças significativas entre os médicos e os profissionais de farmácia. De um modo geral, os profissionais de farmácia têm uma opinião mais positiva acerca dos medicamentos genéricos que os médicos, nomeadamente no que se refere à bioequivalência, à não ocorrência de falhas terapêuticas com medicamentos genéricos, ao nível de confiança nos medicamentos genéricos e à substituição de um medicamento de marca por um medicamento genérico. Não existem diferenças significativas relativas à familiaridade com o uso e composição dos medicamentos genéricos, entre as duas classes de profissionais (Figura 2).

3.4. Escolha e razões para a prescrição /dispensa de um medicamento de marca/genérico

Os resultados indicam que 44% dos médicos referem optar pela prescrição de um medicamento de marca e

que 48% referem a opção genérico. Nos profissionais de farmácia, na venda livre de medicamentos não sujeitos a receita médica (OTC), 51% referem que habitualmente dispensam um medicamento de marca, e 46% referem dispensar um genérico. No que respeita às razões apontadas para a escolha da prescrição ou dispensa de medicamentos, independentemente da classe profissional, verificou-se que a sintomatologia apresentada pelo utente e o tipo de tratamento são as razões mais fortes para a escolha de um medicamento de marca (Figura 3). O factor custo é a razão mais forte para a escolha de um medicamento genérico, para as duas classes profissionais (Figura 4). Quando se compararam as razões para a escolha de um medicamento de marca entre médicos e profissionais de farmácia, apenas se verificaram diferenças significativas nas razões relacionadas com o cliente, nomeadamente na idade e grau de familiaridade com o cliente. Os profissionais de farmácia consideram estas razões mais importantes para a dispensa do medicamento de marca do que os médicos (Figura 3). Quando a comparação foi feita para a escolha de um medicamento genérico, verifi-

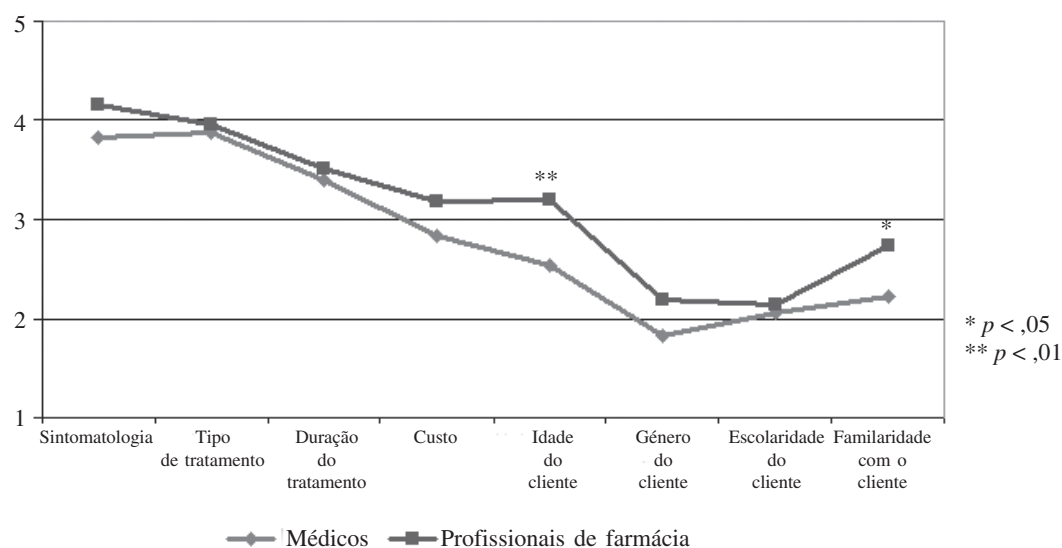
Figura 2
Opinião acerca dos medicamentos genéricos



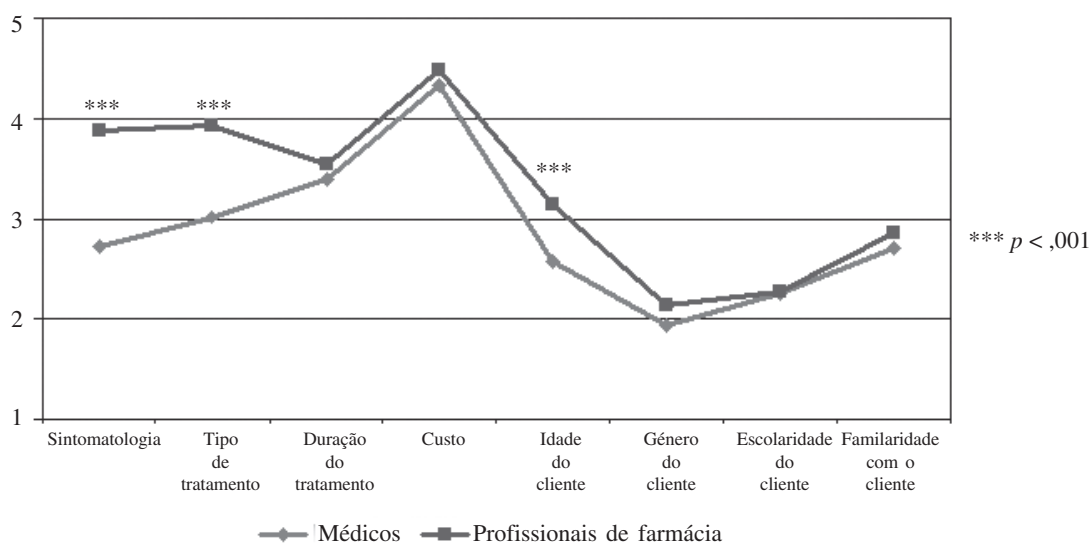
Nota: Os itens foram recodificados no sentido da leitura do gráfico ser feita de acordo com valores mais altos corresponderem a opiniões mais favoráveis.

Figura 3

Diferenças entre médicos e profissionais de farmácia nas razões para a escolha de um medicamento de marca

**Figura 4**

Diferenças entre médicos e profissionais de farmácia nas razões para a escolha de um medicamento genérico



caram-se diferenças significativas entre as duas classes profissionais em relação à sintomatologia apresentada, ao tipo de tratamento e à idade do cliente. Os profissionais de farmácia tendem a considerar estes factores mais importantes na dispensa de um medicamento genérico do que os médicos (*Figura 4*).

4. Discussão

Este estudo teve como objectivo investigar e comparar as crenças dos médicos e profissionais de farmácia face aos medicamentos genéricos. Os resultados indicam que os profissionais de farmácia se sentem mais bem informados acerca dos medicamentos genéricos que os médicos. Estas diferenças são mais evidentes no que se refere ao seu custo, aos medicamentos genéricos disponíveis no mercado, aos fabricantes dos mesmos, ao controlo de qualidade e aos testes de qualidade realizados. Este resultado poderá estar relacionado com o facto de serem os profissionais de farmácia aqueles que têm um contacto mais directo com os medicamentos, não só na sua comercialização, como também na informação relacionada com a sua fabricação e controlo de qualidade. Estes resultados vão ao encontro dos encontrados por Gaither *et al.* (2001), que referem que os profissionais de farmácia têm crenças mais positivas que os médicos face aos medicamentos genéricos.

No presente estudo, as opiniões medidas relacionam-se com aspectos como a bioequivalência e confiança na eficácia dos medicamentos genéricos, em termos da não ocorrência de falhas terapêuticas ou problemas relacionados com a substituição de medicamentos de marca por genéricos. Nestes aspectos, também os profissionais de farmácia revelam uma opinião mais positiva que os médicos. Estudos recentes referem que ainda existe um baixo nível de confiança nos medicamentos genéricos e a persistência de ideias erróneas acerca da sua eficácia e segurança (Hassali, Kong e Stewart, 2006), bem como a falta de investigações adicionais acerca deste tipo de medicamentos (Kersnik e Peklar, 2006). Estudos anteriores referiram que uma larga percentagem de médicos não permitia a substituição de medicamentos genéricos, referindo razões que se prendem com dúvidas acerca da equivalência terapêutica e com a capacidade dos farmacêuticos substituírem seguramente o medicamento (Brust, Hawkins e Grayson, 1990). No presente estudo, algumas dúvidas parecem persistir nos médicos, quando comparados com os profissionais de farmácia, no que se refere à opinião sobre os medicamentos genéricos.

No que se refere à escolha do medicamento para dispensa ou prescrição, a percentagem de resposta de

acordo com a opção marca ou genérico não se apresenta significativamente diferente entre médicos e profissionais de farmácia. Neste sentido, a razão mais forte para a escolha de um medicamento genérico, independentemente da classe profissional, é o custo. Segundo a literatura, a maioria dos médicos está ciente que o custo dos medicamentos é um aspecto importante no sector da saúde, nomeadamente no sentido em que a substituição dos medicamentos de marca por genéricos permite aos doentes reduzir custos com os tratamentos que por norma são dispendiosos (Andersson, Jorgensen e Carlsten, 2006; Kersnik e Peklar, 2006). No que se refere aos medicamentos de marca, a sintomatologia apresentada pelo utente e o tipo de tratamento são as razões mais fortes para a sua escolha, por ambas as classes profissionais. Este resultado sugere que a escolha de um medicamento de marca poderá estar mais focada nos aspectos clínicos da situação do utente, e não tanto nos factores relacionados com o custo. Não foram encontrados estudos que tenham avaliado este aspecto nos profissionais de farmácia, mas os resultados deste trabalho parecem ir no mesmo sentido dos médicos.

No que se refere a eventuais diferenças entre médicos e farmacêuticos para a prescrição ou dispensa de um medicamento genérico, os resultados deste estudo revelam que os profissionais de farmácia, em comparação com os médicos, apontam mais a idade do cliente e a familiaridade com o mesmo como razões mais fortes para a dispensa de um medicamento de marca; e a sintomatologia apresentada, o tipo de tratamento e a idade do cliente como razões para a dispensa de um medicamento genérico. De acordo com Lagarce *et al.* (2005), o acto de prescrever um medicamento depende de factores relacionados com o médico, o paciente e o medicamento. Em ambas as possibilidades de escolha (marca ou genérico), a idade do cliente aparece para os profissionais de farmácia como uma razão comum. Uma explicação possível poderá estar relacionada com o grau de proximidade que o profissional de farmácia pode ter com os utentes, e a possibilidade de ter mais informação do seu enquadramento social e económico. Este aspecto levanta uma questão que se relaciona com o tipo de interacção que se estabelece com o profissional de saúde, consoante o contexto em que ela ocorre; a farmácia ou a consulta, e pode ter implicações na relação do profissional de saúde com o utente. No mesmo sentido, este resultado levanta questões relacionadas com aspectos da comunicação médico-utente, e que merecem aprofundamento em investigações futuras.

O presente estudo apresenta algumas limitações que importa referir: os participantes foram inquiridos

sobre uma situação hipotética de venda livre (OTC) ou de prescrição e não foi referida qualquer sintomatologia ou tratamento específico, o que poderá ter influenciado as respostas dadas pelos diferentes profissionais de saúde. Por outro lado, e apesar da reduzida participação destes profissionais de saúde neste estudo, consideramos que os resultados contribuem para ilustrar alguns aspectos relevantes relacionados com as atitudes destes profissionais face aos medicamentos genéricos. Neste sentido, parece-nos pertinente desenvolver mais investigação acerca das crenças, atitudes e percepção dos profissionais de saúde sobre a eficácia dos medicamentos genéricos, dado que o seu uso e prescrição contribuem para a redução das despesas com a saúde, permitindo uma gestão dos recursos mais adequada. O impacto da política dos medicamentos genéricos no sector da saúde não tem importância apenas ao nível dos custos. O facto de os medicamentos genéricos em Portugal se encontrarem no início do seu processo de implantação salienta a necessidade de aprofundar os eventuais factores que possam influenciar a sua utilização. O aparecimento dos medicamentos genéricos deve ser encarado como uma oportunidade para o aprofundamento do estudo das crenças e atitudes sobre o seu uso em leigos e profissionais de saúde, que poderão ter um papel essencial no processo de implementação destes medicamentos, proporcionando uma melhor adequação às necessidades do consumidor.

Agradecimentos

Empresa Factor3W — (Dr. Rui Banha; web-designer), pelo apoio prestado no desenvolvimento do *site* e questionário *on-line* utilizado no estudo.

□ Referências bibliográficas

- ANDERSSON, K.; JORGENSEN, T.; CARLSTEN, A. — Physicians' opinions and experiences of the pharmaceutical benefits reform. *Scandinavian Journal of Public Health*. ISSN 1403-4948. 34 : 6 (2006) 654-659.
- APOGEN (Associação Portuguesa de Medicamentos Genéricos) — Doentes podem pedir medicamentos genéricos. [Em linha]. *Médicos de Portugal*. (04.10.2007). [Consult. 20.03.2007] Disponível em <http://www.medicosdeportugal.iol.pt/print/1610>.
- ARAÚJO, R. — Clínicos gerais são os que menos receitam medicamentos genéricos. [Em linha]. *Diário de Notícias*. (23.08.2006). [Consult. 20.03.2007] Disponível em http://dn.sapo.pt/tools/imprimir.html?file=/2006/08/23/sociedade/clinicos_gerais_os_menos_receitam_me.html.
- BANAHAN, B.F.; KOLASSA, E.M. — A physician survey on generic drugs and substitution of critical dose medications. *Archives of Internal Medicine*. ISSN 0003-9926. 157 : 18 (1997) 2080-2088.
- BRUST, M.; HAWKINS, C.F.; GRAYSON, D. — Physicians' attitudes toward generic drug substitution by pharmacists. *Texas Medicine*. ISSN 0040-4470. 86 : 3 (1990) 45-49.
- FAUL, F., *et al.* — G*Power 3 : a flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*. ISSN 1532-5970. 39 : 2 (2007) 175-191.
- GAITHER, C.A., *et al.* — Consumers' views on generic medications. *Journal of the American Pharmaceutical Association*. ISSN: 1086-5802. 41 : 5 (2001) 729-736.
- HASSALI, M.A.; KONG, D.; STEWART, K. — Generic medicines : perceptions of general practitioners in Melbourne, Australia. *Journal of Generic Medicines*. ISSN 1741-1343. 3 : 3 (2006) 214-225.
- HORNE, R.; WEINMAN, J. — Patients' beliefs about prescribed medicines and their role in adherence to treatment in chronic physical illness. *Journal of Psychosomatic Research*. ISSN 0022-3999. 47 : 6 (1999) 555-567.
- JORGENSEN, T.; ANDERSSON, K.; MARDBY, A.C. — Beliefs about medicines among Swedish pharmacy employees. Poster presented at the 9th International Congress of Behavioral Medicine, Bangkok, Thailand, 2006.
- KERSNIK, J.; PEKLAR, J. — Attitudes of Slovene general practitioners towards generic drug prescribing and comparison with international studies. *Journal of Clinical Pharmacy and Therapeutics*. ISSN 0269-4727. 31 : 6 (2006) 577-583.
- LAGARCE, L., *et al.* — How practitioners views generic drugs : an opinion study from general practitioners in Maine-et-Loire (France). *Thérapie*. ISSN 0040-5957. 60 :1 (2005) 67-74.
- PORTUGAL. INFARMED — Plano integrado de promoção dos medicamentos genéricos 2007. [Em linha]. Lisboa : Infarmed, 2007. [Consult. 20.03.2007] Disponível em http://www.infarmed.pt/portal/page/portal/INFARMED/MEDICAMENTOS_USO_HUMANO/GENERICOS/PLANO_INTEGRADO_2007.
- SIMMENROTH, N., *et al.* — Prescription of generic drugs in general practice : results of a survey of general practitioners. *Medizinische Klinik*. ISSN 0723-5003. 101 : 9 (2006) 705-710.
- STRECHER, V.J.; ROSENSTOCK, I.M. — The health belief model. In BAUM, A. *et al.* ed. lit. — Cambridge handbook of psychology, health and medicine. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 113-117.

□ Abstract

BELIEFS ABOUT GENERIC MEDICINES: DIFFERENCES BETWEEN DOCTORS AND PHARMACISTS

Aim: The aim of this study is to investigate and compare the beliefs of health professionals (doctors and pharmacists), about generic medicines.

Method: Two hundred and seventy two participants (94 doctors and 178 pharmacists) completed an anonymous *on-line* questionnaire, which included measures of beliefs about generic medicines and demographic information.

Results: the main results indicate that there are significant differences between both types of health professionals, in

which pharmacists seem to feel better informed and have more positive beliefs about generic medicines than doctors. Also, the results show that there are differences between doctors and pharmacists in the reasons for the choice of a medicine (either generic or brand).

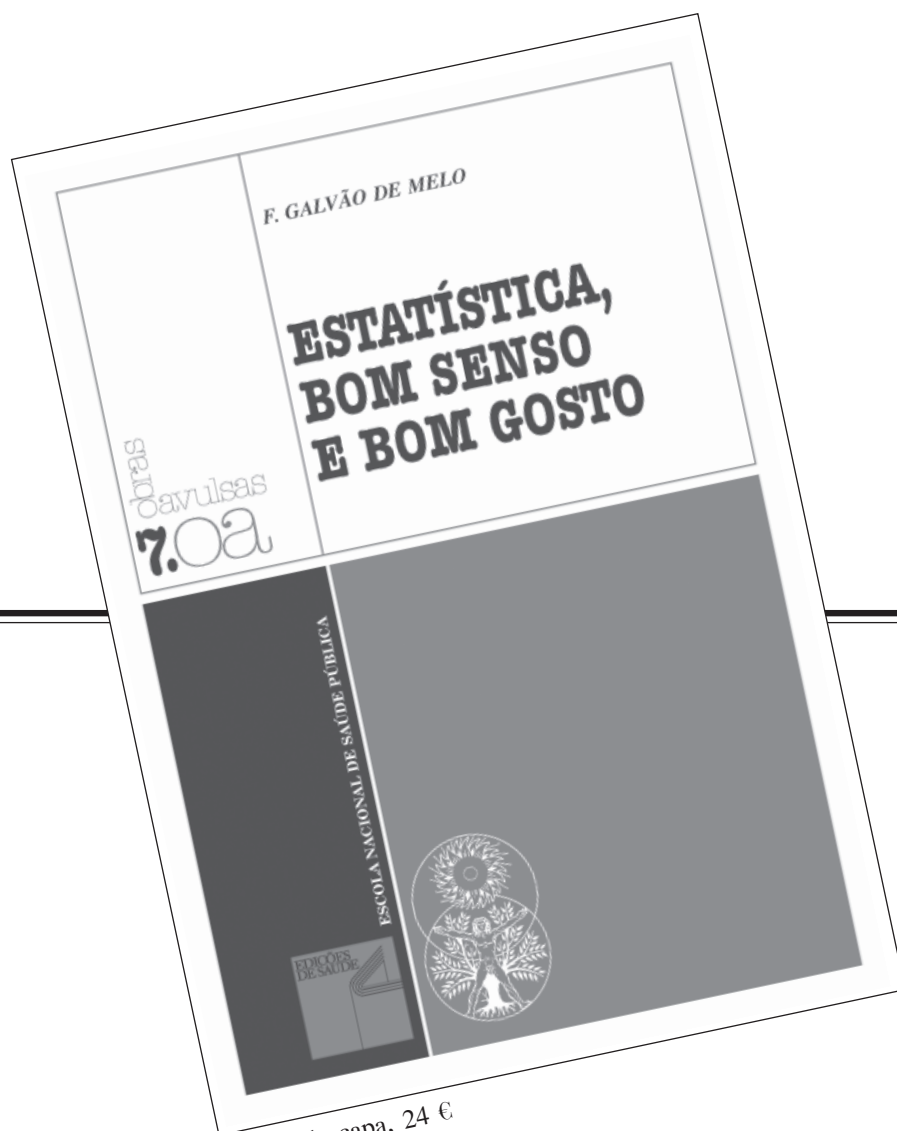
Conclusion: These exploratory results raise important questions concerning the extent to which the beliefs and attitudes of health professionals about medicines may influence decisions and choices of consumers.

Keywords: doctors; pharmacists; generic medicines; beliefs about medicines.

Anexo 1

Opinião acerca dos medicamentos genéricos — itens

- (1) Todos os medicamentos genéricos aprovados pelo INFARMED podem ser usados como equivalentes dos medicamentos de marca (não há diferença).
- (2) Uma falha terapêutica pode ser o resultado de mudar para os medicamentos genéricos.
- (3) Eu estou familiarizado com a composição e o uso dos medicamentos genéricos.
- (4) Eu sinto-me mais confiante prescrevendo/dispensando um medicamento de marca do que um medicamento genérico.
- (5) Eu não substituo/dispenso um medicamento genérico a um paciente que esteja estabilizado com um medicamento de marca.



Preço de capa, 24 €